

SANT'ANA: CULTO E ICONOGRAFIA

IÊDA FARIA HADAD VIANNA*

Considerações preliminares

Sant'Ana, mãe de Maria, foi, desde o início do culto das imagens, muito venerada pelos cristãos. Sentimos, nesse caso, a grande força da tradição oral e escrita, pois Sant'Ana, não tendo sequer sido mencionada no Novo Testamento e aparecendo apenas nos evangelhos apócrifos, foi santa tão cultuada quanto Maria e os apóstolos. Esse culto, no ocidente, foi permeado por oscilações, mas sua figura, sempre rodeada por lendas, milagres, visões de santos e discussões teológicas, teve força suficiente para se manter e marcar o desenvolvimento de sua representação na pintura e na escultura.

O interesse pela força e riqueza dessa devoção a uma figura feminina muito popular no Brasil motivou as pesquisas deste trabalho, apesar de outros terem escrito sobre o mesmo tema. Consta do presente artigo uma visão sucinta de seu culto no oriente, no ocidente e no Brasil e da evolução de sua representação iconográfica, não se pretendendo esgotar o assunto, mas motivar novas pesquisas.

A metodologia para este estudo, feito com recursos da própria autora, constou de pesquisa bibliográfica, visitas a museus, igrejas, mosteiros, entrevistas, viagens pelo Brasil, por Portugal e consultas ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Hagiografia

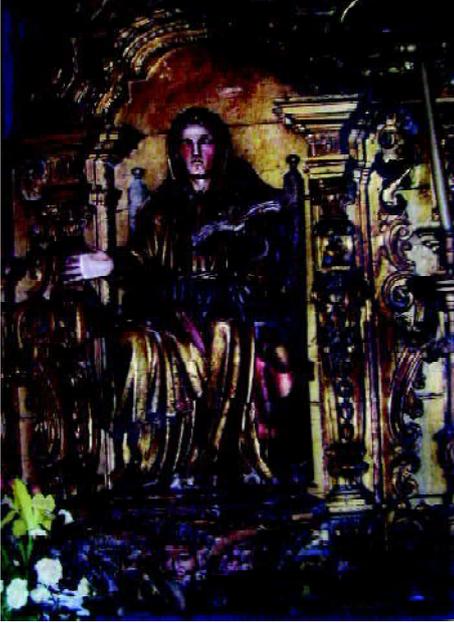
Os evangelhos canônicos não se referem à infância de Maria e muito menos a seus pais. Para se falar em hagiografia de Sant'Ana, temos que recorrer aos evangelhos apócrifos: o *Protoevangelho de Tiago*, o *Pseudo Mateus* e o *Evangelho da Natividade de Maria*. Apesar de as fontes não serem seguras, a tradição da Igreja sempre foi de aceitação da existência de Sant'Ana e de São Joaquim, sem nenhuma contradição.



*Livro das Horas de D. Duarte
Torre do Tombo. Anônimo. Lisboa
Fonte: Cartão da UNICEF*

* Especialista em conservação e restauração

Foto: Iêda Faria



Sant'Ana
Capela de N. Sa. da Conceição
Loulé, Portugal

Segundo o *Protoevangelho de Tiago*, Joaquim era homem rico e justo, que dividia seus lucros em três partes: a primeira para o Templo, a segunda para os pobres e a terceira para si. Certa vez, chegando ao Templo para oferecer seu sacrifício como todo judeu fazia no dia do Senhor, foi impedido pelo sacerdote Rubem de fazer sua oferenda, sob a alegação de que ele era estéril. Casado com Ana, não tivera herdeiros. Entre os judeus da época, não ter filhos era verdadeira maldição divina. Muito envergonhado, Joaquim foi para o deserto e jejuou e orou durante 40 dias e 40 noites. Apareceu-lhe, então, em sonhos um anjo dizendo-lhe que voltasse para casa, pois Deus havia ouvido suas preces e Ana teria um filho.

Ana, por sua vez, estava muito aflita com o sumiço de Joaquim e até já se considerava viúva, quando um anjo apareceu-lhe, dizendo que ela teria uma descendência da qual se falaria em todo o mundo e que fosse ao encontro de Joaquim. Ana correu para se encontrar com ele e, ao vê-lo, abraçou-o, dizendo: “Agora vejo que Deus me bendisse copiosamente, pois, sendo viúva, deixo de sê-lo e, sendo estéril, vou conceber em meu ventre”.

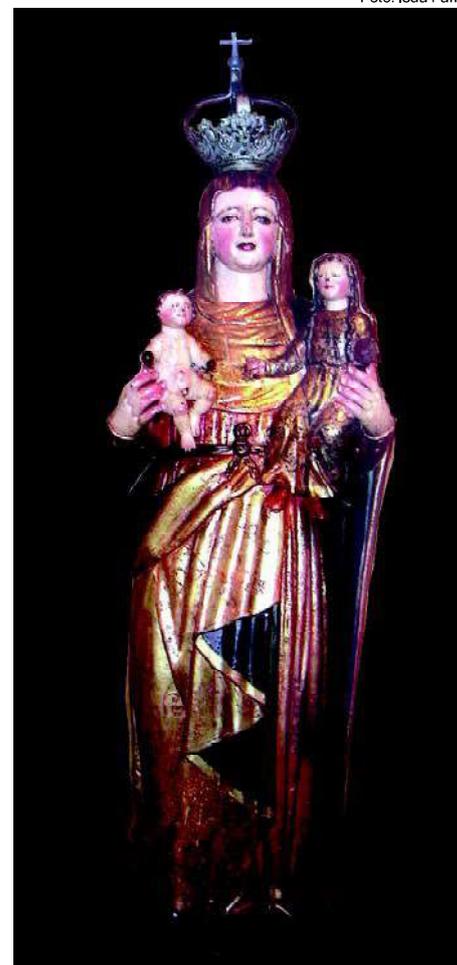
Joaquim concordou com a promessa que Ana havia feito de entregar Maria ao Templo, e três anos depois cumpriram o combinado (TRICCA, Maria Helena de Oliveira, (comp.) 1989. p. 107-108).

É devido a essa afirmação do *Protoevangelho de Tiago* que o oriente aceita a tradição de que, depois da consagração a Deus, Maria permaneceu no Templo sob a tutela dos sacerdotes. Já no ocidente, onde são muitas as imagens de Sant'Ana Mestra, a tradição diz que, após a apresentação, Maria voltou para casa e recebeu sua educação diretamente de sua mãe.

Outro relato, tema recorrente em diversas pinturas, foi descrito na *Legenda Áurea*: Ana teve três maridos, a saber: Joaquim, Cleofas e Salomé. Deles teve três filhas, todas chamadas Maria. Do primeiro desses maridos, quer dizer, Joaquim, teve uma filha, Maria, mãe e progenitora do Senhor, que Ana deu em casamento a José e que gerou e pariu o Senhor Cristo (VARAZZE. 2003. p. 747). No texto, Varazze cita os seguintes versos:

“Tem-se o costume de dizer que Ana concebeu três Marias, Geradas de seus maridos Joaquim, Cleofas e Salomé. Elas foram entregues a José, Alfeu e Zebedeu, seus maridos. A primeira pariu Cristo, a segunda Tiago, o Menor, José, o Justo, Simão e Judas. A terceira, Tiago o Maior e o alado João”.

Foto: Iêda Faria



*Santas Mães (Sant'Ana Trinitária) Século XVII/
XVII
Igreja São Francisco
Museu Sala do Tesouro
Porto, Portugal*

Podemos levantar a biografia de Sant'Ana também observando as obras de arte realizadas, tendo a santa como tema, do século V ao XVIII. Representando sua figura há mosaicos, estátuas, vitrais, afrescos, retábulos, iluminuras e pinturas. Nestas últimas são representadas cenas de seu nascimento milagroso, de sua juventude, ensinando Maria a ler, e outras de sua morte. Ela está presente também nas cenas que tratam do nascimento e infância de Maria. No Brasil, ela é representada como uma mulher madura. Tais temas se baseiam em lendas populares, pois, como já foi dito, nos evangelhos canônicos há absoluto silêncio a respeito de sua vida (RÉAU, 2000, p. 78-80).

Culto no Oriente

As vozes mais longínquas que nos chegaram sobre o culto a Sant'Ana são, naturalmente, as da tradição oriental. Publicações, aceitas pela Igreja Católica, afirmam ser a tradição oriental constante, fiel e tenaz. Segundo essa tradição, sobre o túmulo de Sant'Ana foi construído um templo em Jerusalém. Para essa afirmação não existem provas, mas atualmente nessa cidade há uma basílica em honra a Sant'Ana. Também não se comprova que tal basílica seja a mesma referida nos Anais da História Árabe de Aboulféda, nos quais se afirma existir ali um edifício conhecido pelo nome de *Hanna Omn Meryem* (Ana, mãe de Maria), antes do islamismo. Pode-se inferir disso que, antes de os muçulmanos conquistarem Jerusalém, ali já existia um templo dedicado a Sant'Ana.

A partir de Jerusalém, o culto expandiu-se até Constantinopla, onde, sob um dos Justinianos (550, o primeiro ou 710-711, o segundo) foi construída ou reconstruída a igreja de Sant'Ana, para onde teria sido levada uma de suas relíquias. Parece certo, portanto, que desde o século VI existe tal culto no Oriente.

Na Grécia, onde se celebram três festas anuais de Sant'Ana, está um dos ícones bizantinos mais antigos, o de Sant'Ana de Vatopedi. Ora, Vatopedi é um dos cinco monastérios mais antigos no Monte Athos (chamado Montanha Santa), fazendo parte do Centro Monástico Ortodoxo (uma república monástica) desde 1054. Esse centro, isolado numa península do norte do Egeu, com estatuto autônomo, consta de 20 monastérios que são verdadeiros castelos fortificados e possui a maior coleção de arte cristã do mundo, tendo sido centro de irradiação artística, influenciando toda a história da arte bizantina com sua escola de pintura.

Com a crise iconoclasta, ocorrida nos séculos VIII e IX, muito se perdeu; mas, no renascimento da arte bizantina, o culto de Maria e sua mãe ressurgiu revigorado, o que se nota pelas inúmeras pinturas e mosaicos que aparecem após o século IX.

Culto no Ocidente

O culto a Sant'Ana no Ocidente não pode ter se iniciado muito antes do século VIII, pelo que atestam alguns fatos: na Igreja de Sant'Ângelo, em Pesqueria, em Roma, que foi fundada em 750, são conservadas relíquias todas vindas do Oriente, cujo livro de inventário começa com as de Sant'Ana e Santa Isabel; consta no *Liber Pontificalis* que alguns papas do século VIII (João VIII - 705; Gregório III - 731; Zacharias - 741 e Paulo I - 757) encarregaram-se da decoração mural da Igreja de Santa Maria Antiqua, em Roma, capela papal que é anterior ao ano de 760 e possui dois ou três monumentos dedicados a Sant'Ana: figura de mulher trazendo no braço uma criança que, pelas suas características femininas, não pode ser o Menino Jesus.

Antes dos iconoclastas havia boas relações entre Roma e Bizâncio, tanto que tivemos papas gregos e sírios. É de se supor, portanto, que havia também trânsito das devoções e cultos aos santos entre o Ocidente e o Oriente. Depois, monges e artistas, fugindo das perseguições ocorridas no Grande Cisma (1054) devido a divergências entre o Imperador e a Igreja, imigraram para o Ocidente, onde, na certa, divulgaram a arte e a religiosidade bizantina. Isso pode levar à presunção de que a tradição mais genuína na Europa, com suas poesias, canções de ninar de grande ternura e lendas sobre Sant'Ana, é muito mais antiga que seu culto.

Invocações à santa atravessaram gerações, sobretudo para o bom parto. Isso ocorria no interior dos lares, no mundo privado, domínio do feminino. *L'acqua di Sant'Ana* é usada pelas parturientes desde a Idade Média, e também contra febre, possessão e várias doenças. As mulheres chegavam até a colocar a imagem da santa em seus leitos na ocasião do parto.

Com as Cruzadas (1095/1270), o culto a Sant'Ana foi incrementado no Ocidente, quando era costume trazer as supostas relíquias de Jerusalém ou Constantinopla. Várias delas, ditas de Sant'Ana, foram espalhadas pela Europa, surgindo igrejas, peregrinações etc., quase sempre incentivadas pelas princesas com o nome de Ana. Mas somente com Urbano VI esse culto foi confirmado. Mais tarde (1584) o Papa Gregório XIII determinou sua festa no Missal Romano para o dia 26 de julho, e no Concílio Vaticano II (4-12-1966) as comemorações foram estendidas a São Joaquim para a mesma data.

No gótico (séculos XII/XV) eram temas preferidos pelos artistas episódios da história dos judeus, interpretados como prefiguração da revelação cristã, o motivo do nascimento de Cristo, a interpretação das lendas sobre Joaquim e Ana e os fatos da infância da Virgem baseados nos textos apócrifos.

Durante o final do gótico, o culto a Sant'Ana desenvolveu-se de forma intensa na Alemanha, difundindo-se por toda a Europa. Duas obras incentivaram esse movimento: *Vitae Divae Annae*, de Pedro Dorlando e *De Laudibus Sanctissimae Matris Annae Tractatus* (1494), de Tritémio. A preocupação fundamental desta última foi a de que, para exaltar Sant'Ana, Tritémio comparou a grandeza da mãe com a grandeza da filha; aquela teria todas as prerrogativas desta. Seu fundamento foi então imaculatista: a santidade da mãe devia medir-se pela da filha; logo, se Maria era imaculada, Sant'Ana o era também.

Só com o advento do dogma da Imaculada Conceição a concepção imaculada de Maria foi representada explicitamente, e as representações de Sant'Ana perderam o sentido concepcionista. O Concílio de Trento (1545/1563) determinou regras para o culto dos santos. O de Sant'Ana deveria ser reduzido às suas verdadeiras dimensões. A sessão XXV do Concílio foi dedicada às imagens. A arte teria que ser mais austera.

Foto: Pedro David



Santas Mães
Igreja de Nossa Senhora do Rosário
Sabará, Minas Gerais

Segundo Réau (RÉAU, 2000, p. 77), na Europa a devoção a Sant'Ana entrou em decadência após o Concílio de Trento, mas não se extinguiu de todo.

Em 1657 surgiu em Colônia o livro do carmelita descalço, Padre João Tomás de São Cirilo: *Mater Honorificata Sancta Anna*.

Os carmelitas foram grandes propagadores da devoção a Sant'Ana, que cresceu durante os séculos XVII e XVIII.

Com a difusão das corporações de ofício, muitas se colocaram sob a proteção de Sant'Ana. Demonstrou-se com isso a grande popularidade da santa que é, sobretudo, padroeira das mães de família e dos mineiros. O significado de ser padroeira das mães de família é óbvio; já o dos mineiros, segundo Réau, deve-se ao fato de, a Sant'Ana, ter sido aplicado este versículo do Evangelho de Mateus: "é semelhante ao reino dos céus e a um tesouro escondido em um campo" (RÉAU, 2000, p. 78). Note-se que a partir dessa associação "um tesouro escondido", aos olhos do crente, não só a santa se torna, ela mesma, rica e poderosa, como pode tornar afortunados seus fiéis.

Representações de Sant'Ana trazendo pês e uvas reforçam essa idéia de riqueza, pois a pês representa a fecundidade, a abundância e a esperança. A Sant'Ana trinitária, que se encontra hoje no Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto e que carrega em sua mão esquerda pês e uvas, foi padroeira da antiga Casa da Moeda. Seria esse patronato mera coincidência?

Culto no Brasil

No Brasil, a devoção a Sant'Ana e demais santos foi naturalmente trazida em seus primórdios pelos colonizadores portugueses. A cristianização do novo continente conquistado pelos iberos tornou-se uma perspectiva salvadora para a Igreja romana, tendo em vista a perda de fiéis e o confisco de seus bens durante a Reforma protestante. Daí o favorecimento do papado aos portugueses e espanhóis em suas decisões e de serem as invasões francesas, holandesas e inglesas rechaçadas violentamente, não só pelo medo da perda de território e confisco econômico como do "vírus" luterano e calvinista.

Depois desse período chegam aqui as ordens beneditina, jesuíta, franciscana e carmelita, com suas devoções e artistas.

Sant'Ana continua sendo cultuada até hoje em nosso país. Em quase todos os estados brasileiros existe uma cidade de nome Sant'Ana, ao qual é acrescentado outro que a designa e diferencia. Exemplo: Sant'Ana de Manhuaçu, MG. Nossa capital mais importante e populosa, São Paulo, tem como padroeiros São Paulo e Sant'Ana. O Papa Pio VI, através do Breve de Pio VI de 31 de maio de 1782, declarou Sant'Ana patrona e protetora de São Paulo.

O total geral de localidades no Brasil com seu nome é de 27 municípios e 30 distritos. Só em Minas Gerais, onde até hoje é muito cultuada, há nove municípios e dez distritos, além de capelas e capelas de fazendas que são dedicadas à santa. Segundo afirma Célio Macedo Alves, doutor em história social, no seu artigo "Um Estudo Iconográfico", existem 55 imagens de Sant'Ana Mestra em nosso Estado oficialmente catalogadas (COELHO, 2005, p. 69-92).

No séc. XVII, os dois principais escultores brasileiros foram beneditinos: Frei Agostinho da Piedade, fixado na Bahia, que foi mestre de Frei Agostinho de Jesus, natural do Rio de Janeiro. Ambos executaram imagem de Sant'Ana. Em Minas, no séc. XVIII, Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, sobressaiu-se entre outros bons escultores e também esculpiu bela Sant'Ana Mestra. Tais mestres fizeram escola. Grande quantidade de Sant'Anas Mestras encomendadas a escultores eruditos e populares tinham lugar nos oratórios domésticos, indispensáveis nas casas de família da época.

A arte do Brasil colonial era exclusivamente religiosa e sujeita a modelos iconográficos preestabelecidos. A mistura de raças e crenças, bem como a pujança da natureza, vão fazer com que ela sofra certa modificação para se adaptar, sendo então enriquecida; torna-se também mística e supersticiosa. Santos populares vão trazer consigo toda essa carga de miscigenação.

No sincretismo brasileiro do candomblé e umbanda Sant'Ana é Nanã.

No panteão africano Nanã-terra ou Nanã Buruku, figura controversa, é orixá feminino, de origem daomedana, que foi incorporado pela mitologia iorubá, quando o povo nagô conquistou o povo de Daomé (atual República de Benim).



*Sant'Ana Mestra
Matriz de Tiradentes
Minas Gerais*

Os mitos daomedanos vinham de uma cultura ancestral que se mostra anterior à descoberta do fogo. Nanã, no culto daomedano, teria um posto hierárquico semelhante ao de Oxalá ou até mesmo do deus supremo Olorum e perdeu parte de seus poderes em disputa com Ogum. Nanã, que para a nação de negros Fan e outras significa mãe, adorna-se com o ibirin (feixe de nervuras do dendezeiro envolto em búzios), e sua guia é branca riscada de azul marinho, roxo e vermelho. Segunda-feira é seu dia da semana com Obaluaê, e sábado com as divindades das águas, sendo seu axé (força vital) a fertilidade. Nanã é cercada de muitos mistérios e respeitada por ser a deusa do reino da morte, o orixá das águas primordiais, conservando consigo o segredo da criação do homem e da própria essência da vida.

Os seus arquétipos (os fiéis que têm Nanã como orixá de cabeça, mãe no Eledá) são conservadores e calmos, podendo às vezes mudar de comportamento e ficar agressivos. Gostam das crianças e educam-nas com excesso de doçura e mansidão, pois têm tendência à indulgência dos avós. Agem com segurança e majestade. Seu caminho é sempre o da sabedoria e da justiça. São inclinados também a cozinhar e costurar.

Ao conhecermos a toda poderosa Nanã Buruku, entendemos porque Sant'Ana foi escolhida para o sincretismo no candomblé e na umbanda do Brasil: seu arquétipo educa as crianças, tem o carinho das avós, gosta dos afazeres domésticos e age como se fosse mais velho nas suas reações bem equilibradas. Considerando o axé de Nanã ser a fecundidade, temos um paralelo bem completo com a figura de Sant'Ana.

Iconografia

A iconografia de Sant'Ana no ocidente acompanhou o percurso de difusão, desvios e popularidade de seu culto. As primeiras representações da santa são de uma mulher carregando uma menina nos braços: mosaicos de Santa Maria Maior, Roma e afrescos de Santa Maria Antiga, Roma. Raramente ela é representada só; na maioria das vezes está acompanhada da figura da Virgem Menina ou com a Virgem e o Menino Jesus, ou num grupo das três Marias, ou mais raramente com toda a parentela.

Na pintura são representadas cenas de sua vida, sendo de grande relevo a do encontro de Ana e Joaquim na porta dourada, o célebre afresco de Giotto em Pádua.

Com o gótico universal difundiu-se bastante um tipo de Sagrada Família com Ana, Maria e Jesus, sendo muito aceito na Alemanha com a designação de *Anna selbdritt*. D. de Pinho Brandão entende que a melhor tradução para o português de *Ana selbdritt* é Sant'Ana Trinitária e ainda:

“A solução encontrada para a distribuição das três figuras (Sant'Ana, Nossa Senhora e o Menino) ora se desenvolve num sentido vertical, ora num sentido horizontal. Sant'Ana representa-se ora de pé, ora sentada. Sustenta umas vezes a Virgem com o Menino; outras sentam-se, lado a lado, as duas Santas Mães com o Menino no meio. Mais raramente a Virgem aparece sentada aos pés de Sant'Ana”.
(BRANDÃO, 1962, p. 102).

As representações na pintura chamadas Santa Parentela são aquelas que ilustram a lenda narrada por Jacobo Varazzi na *Legenda Áurea*. Sant'Ana está com Maria e Jesus ao centro, e toda sua família a circunda. Por vezes são cinco figuras, mas geralmente são mais pessoas, chegando a reunir 23 (RÉAU, 2000, p. 141-146).

A composição com Sant'Ana sentada tendo no colo Nossa Senhora e o Menino é chamada Sant'Ana Trono. A figura de Sant'Ana é o trono de Maria e Jesus. Há no Louvre uma conhecida Sant'Ana Trono, de Leonardo da Vinci. E finalmente temos o tema mais representado na época barroca: Sant'Ana Mestra, isto é, Sant'Ana ensinando a menina Maria a ler. A santa está sentada em cadeira nobre, geralmente de espaldar alto. A menina encontra-se de pé à esquerda e lê um livro que sua mãe tem aberto no colo e aponta, ou tem a mão direita sobre o livro. A representação com a menina à direita é menos freqüente. Aparece também um tipo de Sant'Ana representada no sentido vertical, tendo a Virgem Maria no braço e no colo da Menina um livro aberto. Esse tema iconográfico não é novo, mas é representado exaustivamente no século XVIII sobretudo pela insistência das academias em favor da divulgação das ciências e da cultura. A menina Maria aprendendo a ler santifica o ensino,

servindo então de modelo para a juventude e a família na sociedade.

No Brasil ainda temos uma representação chamada Sant'Ana Guia. A imagem está no sentido vertical, como se caminhasse, e tem a Menina Maria acompanhando-a, ou às vezes leva a Menina pela mão.

Os atributos de Sant'Ana são flores, que significam qualidades espirituais e renovação da vida; rolo de pergaminho, as sagradas escrituras; livro, as sagradas escrituras e também conhecimento; frutos, aparecem no barroco, representados pelas pêras, esperança e fecundidade; cesta de costura, geralmente só em pinturas. A cesta é o símbolo do corpo maternal; cheia de lã ou frutos simboliza o gineceu, os trabalhos domésticos e também a fecundidade.

Conclusão

Diferentemente do ocorrido na Europa, o culto a Sant'Ana no Brasil não diminuiu após o século XVIII. Aqui diversas localidades a veneram e por isso têm seu nome. Recebendo influência de nossa miscigenação, é também cultuada nos terreiros de Candomblé e Umbanda, como o orixá Nanã-Terra ou Nanã Buruku.

Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, D. de Pinho. *Para a história da arte: algumas obras de interesse. III imagens de Santa Ana. Observações de caráter iconográfico e artístico. A propósito de três imagens.* MUSEU. Círculo Dr. José de Figueiredo. n. 4. p. 83-115. jun. 1962. (segunda série). TRICCA, Maria Helena de Oliveira (Comp.). *Apócrifos: os proscritos da Bíblia.* São Paulo: Mercury, 1989.
- CABROL, F.; LECLERCO, H. *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie.* Letouzey et Ané. 1924. VARAZZE, Jacopo de. Arcebispo de Gênova, ca. 1229-1298. *Legenda Áurea: vidas de santos.* Tradução do Latim, apresentação, notas e seleção iconográfica: Hilário Franco Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COELHO, Beatriz (Org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais.* São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005.
- RÉAU, Louis. *Iconografia del arte cristiano.* 2. ed. Trad. Daniel Alcoba.

Tomo II. v. 3. Barcelona. 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*.
Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2000.

SOHUG, Wille. C. *L'arte bizantina*. Milano: Rizzoli Editore, 1970.

www.candomble.i8.com./nana.htm

www.orixas.sites.uol.com.br/nana.html

www.umbandaracional.com.br/nana.html